 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Université de Liège) - Debatedor/a O Grupo de trabalho Antropo?ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Antropologia Visual e Digital nas e das cidades: a revista Foto(crono)grafias como desafio da escrita hipermidiática

Autoria: Felipe da Silva Rodrigues, Matheus Cervo

Apesar da hegemonia da escrita já ter sido amplamente questionada pelas interfaces da fotografia e do cinema na Antropologia Visual, os desafios teóricos, conceituais e práticos são novamente atualizados com as emergentes problemáticas da metamorfose da escrita etnográfica na era das textualidades eletrônicas. Se olhar, ouvir e escrever (OLIVEIRA, 2000) fazem parte do saber-fazer que compõe a experiência do ofício de antropólogos e etnógrafos, como podemos pensar sobre a expressão do work de campo na contemporaneidade ao utilizarmos diferentes recursos midiáticos hibridizados e fragmentados em ambientes virtuais? Inspirados pelas reflexões em torno da criação de narrativas fotográficas na tentativa de capturar a dimensão sensível do vivido pelo Outro, criamos a plataforma Fotocronografias no início de 2016 ? incentivados pelo work de (Achutti, 1997) ? a fim de inventar formas criativas de publicação acadêmica que incorporem outras mídias na produção etnográfica em um ambiente virtual. A revista em formato digital é coordenada pelo Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/PPGAS/UFRGS) e pelo Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS) com a liderança das professoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert e possui o duplo intuito de divulgação de ensaios fotográficos de caráter etnográfico e de incentivar reflexões epistemológicas em torno da produção visual hipermídia na nossa disciplina. A revista tem publicações bianuais organizadas em edições temáticas que versam sobre assuntos diversos. Todavia, refletimos que as tecnologias digitais oferecem, assim como a escrita, reflexões dentro de uma matriz disciplinar específica com a interferência da subjetividade dos pesquisadores na manipulação das novas formas de versar sobre nossos interlocutores. Dessa forma, nossa experiência enquanto comunidade interpretativa é moldada pelas formas de ver da antropologia da e na cidade (ECKERT; ROCHA, 2013b) e da etnografia da duração (ECKERT;

 ISBN: 978-85-87942-61-6

ROCHA, 2013a) refletindo sobre memória e patrimônio etnológico no mundo contemporâneo e nas sociedades complexas (VELHO, 1981). O work aqui exposto apresenta os desafios encontrados na construção da plataforma digital e suas potencialidades expressivas, no que diz respeito à divulgação dos resultados das pesquisas etnográficas para além dos muros das universidades, de acordo com as nossas intenções teóricas que refletem sobre a produção de imagens na cidade como sendo uma atividade que se configura, ontologicamente, como uma operação no tempo (ECKERT; ROCHA, 2016).

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**